



POVO ALGARVIO

Director, Editor e Proprietario: Manuel Virgilio Pires

SEMANARIO REGIONALISTA

Redação e Administração - Rua Dr. Parteira, 13 - Telefone 127 - TAVIRA - Composição Impressão - Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266 - TAVIRA

Biblioteca Nacional Serviço de Depósito Legal LISBOA - 2

FEIRA DE S. FRANCISCO

VEM do tempo em que os santos e os homens eram comumente familiares. Havia igrejas dos santos, ruas dos santos, instituições e congregações sob a sua invocação, de tal modo florescentes, que as santas pessoas fizeram os santos tempos que não voltam.

Hoje os santos andam bastante esquecidos. Regateia-se os seus milagres, exige-se-lhes uma cédula pessoal muito em rigor, quando não, perdem a sua personalidade canónica e entram em inactividade.

QUEM ACODE AOS AGRICULTORES?

No momento presente a vida agrícola está passando por uma fase difícil. Os preços dos produtos agrícolas e dos frutos de uma maneira geral não acompanham o aumento de custo de vida e, por isso, aqueles que vivem dos rendimentos de terra debatem-se numa situação aflitiva.

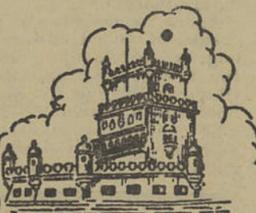
Os trabalhadores auferem já salários na casa dos 40\$00 e 50\$00 diários, as contribuições aumentaram, alguns meeiros sabendo da dificuldade de braços de trabalho com que se debate no momento presente, procuram a seu belo prazer alterar as clássicas cláusulas estabelecidas dos quintos dos arvoredos, para os quartos, isto é, o quinteiro pretende de futuro ser "quarteiro".

A alfarroba não atingiu nem metade dos preços dos anos anteriores e neste desdobinar de dificuldades, acrescido de outros encargos de várias espécies com que se vê onerada, a agricultura debate-se numa situação aflitiva em que asfixia.

Continua na 2.ª página

Crónica de LISBOA...

por: LIBERTO CONCEIÇÃO



RIQUEZA FÁCIL?...

Dinheiro e Moral...

Todos os Povos do Mundo, — e o Português mais do que qualquer outro — gostam de ganhar «dinheiro fácil», dentro daquele velho princípio segundo o qual os fins que levam ao prazer... justificam os meios, mesmo os mais arriscados, sobretudo quando se trata de acumular fortuna rápida para se poder viajar com uma boa mulher... ter um óptimo carro... possuir uma boa vivenda... etc...

Dinheiro I... Riqueza I... — dizem os moralistas — que não dá felicidade! Nós, pelo contrário, achamos que sempre dá um bocadinho Delal! Uma dor de cabeça arranjada em Paris na companhia da Brigitt Bardout, durante uma boa ceia, regada com bom champagne, num retiro nas

margens do Sena, será, sob o aspecto social e patológico, muito menos grave do que uma enxaqueta suportada durante o trajeto quotidiano do Seixal para a Rua Tomaz da Costa... ou vice-versal!

É natural que nos digam que este raciocínio existe apenas no espírito dos não ricos, — como nós, — exactamente aqueles que ainda não puderam comprar uma gravata em

Continua na 3.ª página

O FRANGO NA PÚCARA ESPECIALIDADE INTERNACIONAL

Londres — A receita portuguesa do «frango na púcara» figura, com a do «gazpacho» espanhol, e da «peperonata» italiana, a do «zitronecreme» alemão, a do «molho melba» austriaco e a do «steak tartare» suíço, na secção das melhores receitas estrangeiras dadas pelo «Bon Viver» na página feminina do «Daily Telegraph». — (ANI).

IMPrensa REGIONAL

Têm-se realizado com êxito Encontros da Imprensa Não-Diária, e neles se tem definido o seu campo de acção procurando mostrar a orientação conveniente em ordem ao bem



Um dos antigos aspectos da Feira de S. Francisco

ano, novidades e modalidades mais atraentes.

Graças a elas, as antigas feiras não desmereceram a afluência dos curiosos, mes-

Continua na 2.ª página

nacional e se tem estabelecido um esquema reivindicações tendentes a uma mais eficaz informação.

Podem dizer-se que estes esforços se enquadram dentro dum vasto plano sócio-educativo, cujos realizadores não procuram interesses pessoais mas, principalmente, um alto objectivo cívico.

Mensário, quinzenário, semanário ou bi-semanário, ou o que quer que seja o jornal de província, ele só pode manter-se digno de si quando os que nele trabalham olham menos para as suas conveniências próprias do que para o

Continua na 2.ª página

GUARDA FISCAL

No passado dia 21 de Setembro, para comemoração do dia de S. Mateus, patrono daquela Corporação, esteve hasteada a Bandeira Nacional no quartel da Guarda Fiscal, desta cidade, cuja secção é comandada pelo sr. Tenente António Amaro Serrano.

BENS A DEFENDER

Instrumentos de valor Arqueológico (3)

UTILIZANDO os impressos próprios é fácil elaborar um inventário dos chamados Inventários da Fazenda Pública. Neles, embora resumidamente descritos, os objectos tornam-se identificáveis. Com um pouco de boa vontade, da parte da pessoa ou pessoas encarregadas de semelhante serviço e toda a lealdade dos possuidores de objectos considerados de interesse artístico, etnológico ou histórico, não seria difícil, em cada concelho, discriminando por freguesias, obter o arrolamento de bens que constituem património da Nação e merecem ser conservados, sem no entanto deixarem de continuar propriedade dos seus detentores.

Os arrolamentos para a Fazenda Pública visam, entretanto, o valor material do objecto, ao passo que o arrolamento pa-

ra o património espiritual da Nação transcende aquele valor e carece de descrição mais circunstanciada, sempre que possível acompanhada de fotografia ou fotografias de sentido documental.

Esta é, certamente, uma circunstância que torna o trabalho mais moroso e caro, mas

Continua na 2.ª página

TEATRO ANTÓNIO PINHEIRO

Assumiu as funções a nova empresa proprietária do Teatro António Pinheiro.

No passado dia 1 do corrente, ao iniciar a nova época de cinema foi feita uma preleção ao microfone chamando a atenção do público da geral para a sua composição durante os espectáculos, tendo sido lida nesse sentido uma mensagem do sr. presidente da Câmara.

De futuro as autoridades tomarão as mais enérgicas medidas, se for necessário, para evitar as inoportunas intervenções da geral durante a passagem dos filmes.

Por diversas vezes nos referimos a tais condenáveis faltas de educação chamando para o facto a atenção das entidades policiais.

Achamos justa a prevenção e oxalá que de futuro a sala de espectáculos do nosso cinema atinja o nível da de uma cidade civilizada.

Felicitemos, portanto, a nova empresa proprietária do Teatro António Pinheiro pela medida que acaba de tomar,

O AEROPORTO DE FARO

Estiveram no Aeroporto de Faro os srs. Ministros das Comunicações e Secretário de Estado da Aeronáutica que acompanhados pelo sr. Governador Civil do Distrito visitaram demoradamente os trabalhos em curso.

OS NOSSOS MOÇOS

CUSTA aos velhos ouvir dizer mal dos novos, mormente se este mal se lhes afigura falta de compreensão.

Os nossos moços, os rapazes portugueses, são a alegria e o entusiasmo em ebulição, o chiste e brincadeira em acto, desprendidamente generosos e sacrificados e raramente presunçosos. A presunção, quando a há, revela tanto de infantilidade, que só faz rir os velhos e lhes parece uma prenda a mais na mocidade folgazã e lhana.

Conta-se de certos rapazes que, no café, por horas tantas da madrugada, foram bastante desleixados para um grupo de meninas estrangeiras.

Referiu-o este jornal pela pena de pessoa idónea e séria o que basta para não deixar direito a dúvidas.

A primeira explicação a encontrar para tão insólito caso é a de que os rapazes teriam ingerido mixórdias que lhes alterassem a lucidez.

São muito raras as ocasiões em que os rapazes se excedem perante raparigas sérias. Raríssimas.

O facto de, às tantas da madrugada, um grupo de jovens

Continua na 2.ª página

UMA ATITUDE PREJUDICIAL PARA O TURISMO E PARA O ALGARVE!

A Ex.ª Senhora D. Maria José Rebelo, ilustre professora, publicou no n.º 1577 do «Povo Algarvio», sob o título, «Turismo ou anti-Turismo», apreciável protesto contra a estúpida atitude de determinados inconscientes que, na mui nobre cidade de Tavira, ousaram arremeter com toda a sua vergonhosa, condenável e imunda lasciva de animais irracionais, contra senhoras francesas — que, do seu país, se deslocaram até nós, pensando que vinham encontrar apenas pessoas educadas e respeitadas, mas que, no fim, depararam com alguns tarados, monstros perigosos, os quais deviam estar enclausurados num hospício de loucos,

para bem de uma população, digna de todo o respeito e de viver sossegadamente pelas ruas da pacífica cidade de Tavira!

Tais doidos, ou criminosos, não têm o direito de andar em

Continua na 2.ª página

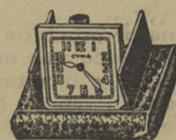
MAIS UM CURSO SINGER NA LUZ DE TAVIRA

Realizou-se na Casa do Povo da Luz de Tavira, no passado domingo, mais uma festa promovida pela Singer.

Pelas 16 horas, a senhora professora oficial D. Isaura Palmeira de Carvalho Paula, inaugurou a exposição, seguida de muito público, vendo-se os dirigentes da Singer e os corpos directivos da Casa do Povo, que demoradamente apreciaram os esplêndidos trabalhos das alunas.

Na sessão solene que era presidida pelo sr. Francisco Ramos Passos, viam-se na mesa de honra os srs. Manuel Correia Dourado, o Inspector da Companhia sr. José da Fonseca, o agente concei-lho sr. Joaquim José Valente, o sr. Alferes Francisco Maria de Carvalho Paula, presidente da Casa do Povo sr. José do Sacramento Rufino e a sr.ª D. Maria

Continua na 4.ª página



HORA de INVERNO

Esta madrugada os relógios atrasaram sessenta minutos estabelecendo-se assim a Hora de Inverno.

Bens a defender

(Continuação da 1.ª Página)

de modo nenhum inexequível. Por outra via, existe ainda a dificuldade de que não poderá ser realizada por indivíduos inteiramente alheios a um mínimo de cultura.

Quanto a esta objecção, poderia existir uma comissão (ou várias) de recolha e outra comissão de selecção ou apuramento. Claro que a comissão de recolha e pesquisa tinha já que ser informada no sentido e campo em que devia actuar, e ser constituída não por peritos, mas por elementos com certa visão daquilo que se pretende.

Qualquer pessoa está apta a fotografar, medir e descrever o que quer que seja que apresente certas características, donde suspeite estar em presença dum objecto fora do usual, por si, pela forma, ou ornato.

Todos estão aptos a fotografar uma portada, uma chaminé, uma peça de cerâmica, medidas e pesos, um quadro ou imagem que o possuidor declare antigo e, certamente, o material carreado para o serviço cadastral seria mais provavelmente em excesso que em deficiência, não deixando atrás os artefactos de carácter popular como as cornas, as rocas, as proas com esculturas, os jugos e bilhas, as olarias diversas, os ferros e cortiças, etc.

Conscientiosamente elaborado, tal inventário ficaria certamente um enorme cartapácio, mas dividido em secções e subsidiado por um bom ficheiro, realizaria o melhor monumento que o presente poderá deixar ao futuro.

Custa tanto ver dia a dia desaparecerem edifícios, pormenores, aspectos das povoações de que não restarão sombras!

Custa tanto, depois de um passado opulento, sentir a pobreza de elementos de arte em muitas terras, que sem eles não podem documentar o que foram!

De posse dum documento desta natureza todas as cidades e vilas, até mesmo as al-

Os nossos moços

Continuação da 1.ª página

desconhecidas entrarem num café, sem acompanhamento de pessoas de idade mais respeitável, designadamente um cavalheiro, não leva certos rapazes estúrdios a pensarem muito bem das referidas meninas. Possivelmente lançaram os seus «balões de ensaio» e as meninas, ou por ingenuidade ou por se mostrarem modernas e desempoeiradas, não atalharam as primeiras tentativas dum a troca de cumprimentos. O mal foi esse. Também são desculpáveis.

Quando quiseram afastar o grupo dos entusiastas eles já tinham «o grão na asa» e pensaram que as medidas repressivas tinham por fim esporear a sua audácia. Como cavalos de corrida, quanto maior era o obstáculo, maior o fôlego que tomavam.

Depois há ainda o caso de o grupo feminino não trazer na testa os seus diplomas e dignidades e, sob o rótulo de Turismo, haver grupinhos de damazinhas muito malucas que andam correndo mundo e correndo aventuras também. É mais alguma coisa em abono dos moços.

Mas, sério, sério, aqui para nós, o melhor teria sido as francesinhas terem sido caridosamente informadas de que as meninas portuguesas não andam, mesmo em grupo, pelos cafés, às tantas da madrugada, haja ou não festa.

F. G.

deias poderiam, pouco a pouco, ir organizando o seu museu próprio.

É triste, e muito triste, que nas cidades grandes apenas, exista o museu da cidade.

Todas o deviam ter e Tavira, com particulares razões. No museu da cidade não há objecto que destoe, logo que pertença à sua história, logo que determine um valor de qualquer sentido: arqueológico, etnológico, artístico, religioso, etc.

Por outro lado, mal parece que as instituições detentoras de objectos de valor de qualquer sentido que seja, não organizem os seus arquivos e o seu inventário, pois de contrário ficam sempre sujeitas a que, quem quer que seja, possa pensar mundos e fundos do modo como administram bens que lhe foram confiados.

Há muitas vezes delapidações, desaparecimentos, que um ou outro, mais tarde ou mais cedo notam. Onde foi parar? Quem é responsável?

Onde estão hoje objectos de valor que existiam ontem e estavam à guarda de estas e aquelas pessoas?

Ninguém, por muito absoluto e intangível que se julgue está ao abrigo da censura e, quantas vezes! da calúnia mais negra, de que não pode defender-se, se não tiver provas irrefutáveis da sua isenção.

O pior é que um arquivo representa cuidados de conservação e um catálogo contunde com o amor próprio de quem não dá confiança a garotos.

E esses são os obstáculos mais difíceis de transpor.

Imprensa Regional

Continuação da 1.ª página

bem da região que servem. Desta forma, o jornalista de província só pode vencer pela tenacidade com que exerce a sua missão e pelo alto teor de idealismo que informa a sua luta. E é, em última análise, neste modo de sentir que reside o essencial da força do jornalismo regional.

No jornalismo diário há as horas de trabalho pré-estabelecidas, missões definidas, secções com atribuições determinadas, ordenados fixos e pagos a horas, lucros previstos, protecção e consideração dos Poderes Públicos, honrarias incitadoras de esforços, associação e assistência eficazes.

Mas nós, Imprensa Regional, somos uns pobres. A nossa luta e a nossa tenacidade em sobreviver é mal avaliada por aqueles a quem servimos, o nosso heroísmo não é espectacular e nem sempre os nossos sacrifícios são compreendidos.

O jornalista é sempre, duma forma geral, um educador e um missionário. Não só orienta a opinião pública nos carizos impostos por uma autorizada teoria de valores humanos, mas ainda o faz lutando desinteressadamente. E não se diga que o jornalista é apenas um informador e que é tanto mais jornalista, quanto mais nua e clara for a sua informação. Saiba-se que o jornalista, o verdadeiro jornalista, tem que pôr qualquer coisa do seu ser espiritual naquilo que escreve: fé, convicção bem formada, calor humano, ideal, delicadeza e ternura, sensibilidade e paixão criadora, energia e tolerância.

O jornalista de província é mais missionário do que outro qualquer. Há a incultura das gentes rudes a vencer; há as emboscadas da pequena política a evitar; há a surda ou clara hostilidade de certas pessoas que é preciso esclarecer ou aguentar com diplomacia; há as contas sempre em déficit

Uma atitude prejudicial

Continuação da 1.ª página

liberdade! Assim, é impossível oferecermos ao turista a nossa garantia de respeitabilidade, e todo aquele que nos visita, sofrendo semelhante afronta, volta ao seu país de veras magoado e com todo o seu direito de maldizer-nos, fazendo, pois, contra nós, férrea propaganda da nossa péssima educação, vindo, evidentemente, a sofrer com isso o nosso país.

Nenhum português, que se preze desse nome, deve ser incorrecto para com os turistas estrangeiros que nos visitam, procurando servi-los, o melhor possível, fornecendo-lhes informações, quando estas lhes sejam solicitadas, sempre com o máximo respeito.

Não devem voltar-se à sua passagem, de forma ordinária e estúpida, alvar, olhando-os embasbacados ou com sorrisos de escárnio, pois que, quase sempre, quem merece ser escarnecidos são, precisamente, muitos dos nossos concidadãos, já pela sua falta de conhecimentos de civilidade, própria de selvagens de longínquas regiões onde gente branca penetrou!

Felizmente, segundo nos consta, esses energúmenos, não são algarvios. Porém, devem ter vergonha, não tornando a repetir tão repugnante façanha, e pedimo-lhes, em nome do Turismo, do Algarve e de todos os bons portugueses — por um Portugal rico e nobre!

Manuel Geraldo

LAGOS Retratada...

Um inimigo do progresso de Lagos

O negociante Alberto Rocha, velho amigo desde os nossos verdes anos, pensou, há já alguns anos, comprar à Câmara de Lagos uma faixa de terreno no Rossio da Trindade, a fim de fazer construir umas oito moradias, concorrendo assim aquele lacobrigense, conscienciosamente, para o aumento da solução do tão magno problema habitacional. Porém, o portimonense sr. Francisco Castelo Branco Corte Real, filho de lacobrigenses, fazendo parte da veredictão da Câmara presidida por seu primo, o sr. dr. Armando Favre Castelo Branco, conseguiu deferimento da mesma Câmara, quando o requerimento de Alberto Rocha já aceite, para o rasgamento de um muro de alvenaria de vedação de uma sua propriedade, o qual está junto da descrita faixa de terreno, fazendo uma entrada, fechada com um largo portão, quando já ali havia, e há, uma entrada bem larga, também defendida por um portão, na mesma parede a distância de 25 metros apenas, um do outro!

É claro: Alberto Rocha ficou, automaticamente, embaraçado perante tão esperta «manobra», porque, tinha agora de abandonar do «seu» terreno, uma vez adquirido, uma rua, bem larga, conforme a lei reguladora das construções civis, o que vinha inferiorizar as suas bem pensadas moradias, em virtude de ter de contar com a estrada da Piedade, a qual passava também junto a essa mesma faixa de terreno, cuja área ficaria sem condições para tais construções.

Assim, ficaram abandonados terrenos que podiam ser úteis aos habitantes de Lagos e não o são devido à inconsciência de indivíduos, difíceis de compreender que Lagos não é propriedade unicamente sua — mas que pertence, tão somente à nação!

Também nos consta que, aqui há tempos, determinados industriais abeirando-se de Lagos, na intenção de construir no sítio de Sargaçal, uma fábrica destiladora de álcool, em virtude de ser ali uma zona de muita e boa água e ser Lagos um dos concelhos mais produtores de figo e alfarroba. Porém, o mesmo sr. Corte Real ao ter conhecimento desse facto, conseguiu insinuar-se no espírito desses industriais e levou-os para o Algoz, vendendo-lhes uma propriedade, onde funciona hoje uma fábrica do mesmo género acima relatado.

Mais uma vez Lagos foi prejudicada de uma forma bem repugnante, condenável e imperdoável!

A família Corte Real fixou-se em Lagos há já muitos anos e aqui fez fortuna. O sr. Francisco Corte Real nasceu em Portimão, porque seu pai, sub-delegado de saúde naquela, então, vila, fora obrigado ali a residir. Mas seu pai fora grande amigo de Lagos, terra onde nasceu e faleceu.

O péssimo estado de conservação de algumas das nossas ruas

A Rua de João Bonança encontra-se numa lástima, por ser de terra batida. As pedras soltas e os sulcos formados pela acção das chuvas do inverno passado, assim determinaram.

Agora, as pessoas saem de suas casas com o calçado muito bem engraxado e, quando chegam ao fim da rua, verificam que foi inútil o trabalho que tiveram com a pomada e a escova.

Se João Bonança, esse grande escritor e patriota — que não deixou vender à Alemanha uma das

Quem acode aos agricultores?

Continuação da 1.ª página

Se ao trabalhador rural o Estado deu a regalia das Casas do Povo, em todas as suas benesses, quem acode aos pequenos proprietários que não têm outro meio de subsistência além dos poucos recursos da venda dos seus produtos?

Além de lutar contra a irregularidade dos tempos, as naturais falhas de produção, agora é forçada a encarar com problemas insolúveis que a atiram forçosamente para a ruína se não lhe fôr dado qualquer amparo. Nem todos são proprietários de florescentes pomares de citrinos e os preços de frutos secos não são suficientes para cobrir os encargos dos salários correntes.

nossas melhores posições africanas — voltasse a Lagos, havia de dedcar um sorriso muito amarelo aos Homens da minha pobre terra, ao verificar o estado triste em que se encontra a rua, à qual deram o seu honrado nome.

É tanto mais, que aquela artéria conduz-nos à importante Escola Industrial e Comercial Vitorino Damásio.

O sítio de S. José

Na parte alta da velha cidade, também notamos deplorável abandono das suas ruas: todas de terra batida, muito sujas, embora se veja as senhoras daquele, diga-se, bairro, constantemente de vassoura em punho, procurando assear uma coisa que, de sua natureza, é tristemente suja.

Realmente, aquilo constitui um grande problema para a Câmara, porque, para o resolver seria preciso muito dinheiro, embora haja muita força de vontade. Todavia, será aquele aspecto digno de uma cidade cheia de aspirações na caminhada que se formou em nome do progresso e do Turismo?

Não. Devo mesmo afirmar que tudo isso me causa tristeza e lamentação que meus honrados pais não tivessem enriquecido, dando-me uma posição «ilustre» para que a minha deslumbrante «inteligência» e inchada «arrogância» me dessem direitos de dar um empurrão na pesada «zorra» que conduz a minha pobre terra nos seus braços lá para os lados do progresso!

E, mesmo que eu fosse um grande parvo, toda a gente me tiraria o chapéu e se curvaria à minha... «solene» passagem.

Manuel Geraldo

FEIRA DE S. FRANCISCO

Continuação da 1.ª página

mo que o regionalismo dos costumes dos feirantes tenha quase desaparecido e só raramente se vislumbrem as típicas montadas, os texteis, as olarias, os ferros e malas, as «peneiras do cabelo», as latas e arames, os odres e cortiços, arreios e ourives, etc.

Os teatros definharam muito e cederam o lugar aos circo. Os fotógrafos ainda prestam bons serviços e o tiro ao alvo continua a convidar os jovens em procura de emoções menos trepidantes que as do automobilismo, aviação e «carroucelismo», se é permitido o termo.

Nada disto é tão palpitante mesmo, como a feira do gado.

Emocionante no sentido espiritual. É a vaquinha mansa chamando pela cria mimosa, como outrora os proscritos pela terra da pátria. São os berços que se juntaram a novo rebanho, dóceis mas de riso amarelo, como o dos contribuintes. São os cavalinhos relinchando pelo antigo dono. São as varas irrequietas dos bacorinhos remexidos e teimosos, fazendo soar o pifaro dos seus grunhidos cheios de protesto, e recalitrantes como rapazinhos traquinas. É o mísero espectáculo do impotente deante do todo poderoso. O drama dos humildes auxiliares da lavoura.

Emocionante, no sentido material. Importa que se venda a junta de bois. O triunfo de exhibir o cavalo acabado de comprar. A alegria de afaçar os cordeiros lanudos que irão acrescentar o rebanho. A amargura de ter que se desfazer da água por necessidade urgente de dinheiro.

Mesmo no século do progresso e da inovação ainda, por distantes e retirados lugares, há almas simples que a tomam a sério e anseiam pela feira: o afogador ou os brincos, os móveis para trastejar o novo lar, os alforques que se não-de vender para comprar roupas, os sapatos ou as botas grossas e cardadas que não-de «aguentar o inverno», os cambos de cebolas e as résteas de alhos que se não-de trocar por

Continua na 3.ª página

Notícias Pessoais

Fazem anos:

Hoje — D. Maria Odete de Oliveira Matos, menina Maria Maria Manuela da Cunha Rosário e os srs. Fernando Manuel Vieira, Joaquim António Menau, Sebastião Mendonça Viegas e Alberto Pereira.

Em 5 — D. Justina Plácida Peres, D. Maria Antónia Neto e os srs. Rui Maria Baptista Peres, Manuel Mário de Oliveira, José Mendonça Viegas e Joaquim Carlota Baptista.

Em 6 — D. Maria da Fê Henrique Patarata, D. Maria José do Carmo Santos, menina Maria Odília Gonçalves Garcia e os srs. Manuel Ventura, Sebastião José da Luz e João Bruno da Rocha Prado.

Em 7 — D. Maria da Luz Nascimento Abreu, D. Maria Virgínia Pinto Conceição, menina Maria de Fátima Laranjo Agostinho e o sr. António Matos Junior.

Em 8 — Menina Maria da Glória Pires Soares de Oliveira e os srs. António Duarte Santos Lopes, Agnelo Matos Rodrigues e Manuel Adriano de Brito Dias.

Em 9 — Menina Ana Teresa dos Santos Raimundo e os srs. Joaquim Augusto Rodrigues, Francisco José Rodrigues Abreu e Florentino Dionísio Rosa Pinto.

Em 10 — D. Maria da Natividade Peres Correia, D. Emília José do Nascimento Viegas, menina Maria Teresa Barradas Martins Peres e o menino Rui Manuel Nunes Marcelino.

Partidas e Chegadas

No gozo de licença encontra-se nesta cidade, o nosso conterrâneo sr. Joaquim Pedro da Cruz, 1.º sargento do Exército.

Partiu para Angola em serviço da defesa da nossa soberania, o nosso prezado assinante sr. Manuel Lopes, 1.º sargento do Exército.

De regresso de Angola onde permaneceu um mês, em visita de estudo, promovida pela Acção Académica, encontra-se nesta cidade, o sr. Jorge de Oliveira Bomba, estudante da Escola Superior de Medicina-Veterinária.

Encontra-se nesta cidade, o nosso conterrâneo sr. Dr. Rui de Amorim Ribeiro, professor de Liceu.

Vimos nesta cidade o nosso conterrâneo sr. Engenheiro Fausto Costa, em serviço nas Barragens do Távora-Molmenta da Beira.

Com sua família regressou à sua casa em Lisboa, após ter passado as suas habituais férias, na «Vivenda Algarve», na Praia da Areia Branca (Lourinhã) o nosso prezado amigo e assinante sr. João Viegas Faisca, conselheiro chefe dos serviços da secção de hipotecas de «A Confidente».

NECROLOGIA

António Gago do Nascimento

No passado dia 29 de Setembro, faleceu no sítio de Pês do Serro, Moncarapacho, o sr. António Gago do Nascimento, de 80 anos de idade, proprietário, natural daquela localidade.

Deixa viúva a sr.ª D. Maria da Ascensão e era pai das sr.ªs D. Gertrudes do Carmo Nascimento Guilomar e D. Maria da Conceição Nascimento Neto, sogro do sr. José de Sousa Guilomar e avô dos srs. José Antero do Nascimento Neto e Joaquim do Nascimento Neto, do menino José Cesariano do Nascimento Guilomar e da menina Maria da Conceição do Nascimento Guilomar.

O seu funeral que se realizou no dia seguinte para o cemitério de Moncarapacho, foi muito concorrido.

Custódio Gago

Com 74 anos de idade faleceu nesta cidade, no passado dia 30 de Setembro, o sr. Custódio Gago, trabalhador.

As famílias enlutadas endereçamos sentidos pésames.

Emílio Campos Coroa

Médico especialista

Doenças dos Olhos

Consultas em Tavira, no Montepio dos Artistas, todas as sextas-feiras, pelas 11 horas

Feira de S. Francisco

Continuação da 2.ª página

artigos de premente necessidade, os espelinhos, as quadras, as frituras e rações, o mundo maravilhoso dos simples e dos pobres que não conhecem grandezas de maior dimensão nem distrações mais requintadas.

Crónica de Lisboa

Continuação da 1.ª página

Londres ou perder um guarda-chuva em Nova Yorkel... O Jogo!

Os não-ricos têm, em geral, o que se poderia chamar um vício positivo, ou seja, uma tendência nata para jogar o disponível das suas magras bolsas num anseio desmedido de «multiplicar, a curto prazo, o pé-de-meia árduo e dificilmente acumulado!

Entre estes se incluem, em especial, os jogadores de lotaria... os «apostadores» de Totobola... os agiotes de «pequeno calado»... e os aventureiros, debu antes de certos negócios de venda de terrenos, principalmente nesse encantador Algarve, — agora em leilão para quem mais der — sobre tudo à beirinha do Oceano onde cada metro de areia douxada... vale uma fortuna!!!

O Totobola parece ser hoje doença crónica que acometeu velhos e novos... ricos e pobres... nobres e plebeus... idealistas e sonhadores!... Vive-se, — agora que começou a época oficial do Futebol, — sob o signo de 1x2! A Rádio... o Cinema... a Televisão... a Imprensa... todos os meios possíveis e imaginários da moderna publicidade massacraram, dia e noite, esta pobre humanidade que anseia por enriquecer depressa... por ter um lugar ao Sol...

— 1x2!... 1x2!... 1x2!... Dia e noite se escutam os eternos «slogans»: «Jogue no Totobola!... Faça apostas duplas... triplas... Seja milionário dum dia para o outro!... Enriqueça depressa!...

E a pobre humanidade — esta humanidade que mal consegue ganhar o pão de cada dia — lá continua, todos os Domingos à tarde, a escutar os resultados dos jogos de Futebol, na esperança de que algum dia há-de acertar nos 13!!! Este algarismo que durante uma eternidade foi símbolo de «Azar e pouca sorte»... e que hoje, para alguns, já representou a Fortuna... e para muitos é fonte de Esperança!!!

Nós continuamos a acreditar que o 13... é sinónimo de azar!... Ou será que algum dia nos enganamos?!...

«GAFES!»

Não resistimos a contar aos nossos leitores uma «gafe» cometida pela mocidade trepidante dos nossos dias e que indiscretamente escutam numa destas esplendorosas tardes de Outono, quando um calor tórrido de Verão nos obrigava, numa esplanada, a uma bebida com muito gelol

— Querida! Já reparaste como tem sorte aquela moça que vem a subir a escadaria do Metropolitano? Olha! Ali! Repara como é estupendo e tem presença a «braza» que a acompanha!... Disseram-me que além de bonito, ele é inteligente, rico e cheio de personalidade!

— Ah, sim?! Eu já o conheço há muitos anos!

— Dizem que o moço tinha uma namorada com quem estava para casar mas aquela garota que vai agora com ele conseguiu roubá-lo, sem grande dificuldade, porque a noiva era muito «chata»... muito «pirosa»... muito «Zé-Ninguém»!...

— Era?!... Tem graça! Pois a noiva era eu!!!

— Não digas! Não digas mais nada! Naturalmente quem espalhou isso deve ter inveja de ti, da tua «linha», da tua «classe»... Vais ver que foi a noiva actual, que é bonita mas vigarista e dum «grosseria» incrível! Soube há pouco que toda a família dela era do pior, querida, do pior! Gente sem educação nenhuma, «novos-ricos»... um flagelo! Uma família que envergonharia qualquer pessoal!

— Sim?!... Imaginal Ela é minha prima-irmã!!!

Esta «gafe», de que fomos testemunha involuntários no nosso poiso habitual, trouxe-nos à lembrança a história dum outra que nos contaram e tem igualmente imensa graça:

— Querida... ontem aconteceu-me uma... que só a mim podia acontecer! Peguei no carro para dar uma volta e...

— Não me vais contar que atropelaste um Polícia de trânsito, não é verdade?

— Não! Ainda não, querida! Eu ia pela Marginal, quando avistei, perto de Algés, a Zeca com quem já não falava desde o nosso exame de admissão à Faculdade. Travei o carro e naturalmente ao mesmo tempo que lhe oferecia boleia ia perguntando: «Então novidades! Aquele teu noivado continua?!» Ela respondeu-me que não e eu exuberantemente disse-lhe: Ótimo Boas notícias. Aquele sujeito era de estragar a Vida de qualquer mulher. Não falei contigo na ocasião para não te aborrecer! Depois os anos foram passando sem mais nos vermos! Mas olha que ele até chegou a passar cheques sem cobertura... e tinha dívidas por toda a parte! Fico muito contente por saber que o noivado de vocês acabou!...

— Não! Ainda não, querida! Eu ia pela Marginal, quando avistei, perto de Algés, a Zeca com quem já não falava desde o nosso exame de admissão à Faculdade. Travei o carro e naturalmente ao mesmo tempo que lhe oferecia boleia ia perguntando: «Então novidades! Aquele teu noivado continua?!» Ela respondeu-me que não e eu exuberantemente disse-lhe: Ótimo Boas notícias. Aquele sujeito era de estragar a Vida de qualquer mulher. Não falei contigo na ocasião para não te aborrecer! Depois os anos foram passando sem mais nos vermos! Mas olha que ele até chegou a passar cheques sem cobertura... e tinha dívidas por toda a parte! Fico muito contente por saber que o noivado de vocês acabou!...

Neste ponto a Zeca olhou para mim furiosa e rosnou: «Eu disse que já não era sua noiva... porque agora estou casada com ele! Entendes?!...»

... Quase bati com o carro de encontro a um poste de iluminação publica! Escapamos por uma unha negra!...

— Não! Ainda não, querida! Eu ia pela Marginal, quando avistei, perto de Algés, a Zeca com quem já não falava desde o nosso exame de admissão à Faculdade. Travei o carro e naturalmente ao mesmo tempo que lhe oferecia boleia ia perguntando: «Então novidades! Aquele teu noivado continua?!» Ela respondeu-me que não e eu exuberantemente disse-lhe: Ótimo Boas notícias. Aquele sujeito era de estragar a Vida de qualquer mulher. Não falei contigo na ocasião para não te aborrecer! Depois os anos foram passando sem mais nos vermos! Mas olha que ele até chegou a passar cheques sem cobertura... e tinha dívidas por toda a parte! Fico muito contente por saber que o noivado de vocês acabou!...

Neste ponto a Zeca olhou para mim furiosa e rosnou: «Eu disse que já não era sua noiva... porque agora estou casada com ele! Entendes?!...»

... Quase bati com o carro de encontro a um poste de iluminação publica! Escapamos por uma unha negra!...

— Não! Ainda não, querida! Eu ia pela Marginal, quando avistei, perto de Algés, a Zeca com quem já não falava desde o nosso exame de admissão à Faculdade. Travei o carro e naturalmente ao mesmo tempo que lhe oferecia boleia ia perguntando: «Então novidades! Aquele teu noivado continua?!» Ela respondeu-me que não e eu exuberantemente disse-lhe: Ótimo Boas notícias. Aquele sujeito era de estragar a Vida de qualquer mulher. Não falei contigo na ocasião para não te aborrecer! Depois os anos foram passando sem mais nos vermos! Mas olha que ele até chegou a passar cheques sem cobertura... e tinha dívidas por toda a parte! Fico muito contente por saber que o noivado de vocês acabou!...

Neste ponto a Zeca olhou para mim furiosa e rosnou: «Eu disse que já não era sua noiva... porque agora estou casada com ele! Entendes?!...»

... Quase bati com o carro de encontro a um poste de iluminação publica! Escapamos por uma unha negra!...

— Não! Ainda não, querida! Eu ia pela Marginal, quando avistei, perto de Algés, a Zeca com quem já não falava desde o nosso exame de admissão à Faculdade. Travei o carro e naturalmente ao mesmo tempo que lhe oferecia boleia ia perguntando: «Então novidades! Aquele teu noivado continua?!» Ela respondeu-me que não e eu exuberantemente disse-lhe: Ótimo Boas notícias. Aquele sujeito era de estragar a Vida de qualquer mulher. Não falei contigo na ocasião para não te aborrecer! Depois os anos foram passando sem mais nos vermos! Mas olha que ele até chegou a passar cheques sem cobertura... e tinha dívidas por toda a parte! Fico muito contente por saber que o noivado de vocês acabou!...

Neste ponto a Zeca olhou para mim furiosa e rosnou: «Eu disse que já não era sua noiva... porque agora estou casada com ele! Entendes?!...»

... Quase bati com o carro de encontro a um poste de iluminação publica! Escapamos por uma unha negra!...

— Não! Ainda não, querida! Eu ia pela Marginal, quando avistei, perto de Algés, a Zeca com quem já não falava desde o nosso exame de admissão à Faculdade. Travei o carro e naturalmente ao mesmo tempo que lhe oferecia boleia ia perguntando: «Então novidades! Aquele teu noivado continua?!» Ela respondeu-me que não e eu exuberantemente disse-lhe: Ótimo Boas notícias. Aquele sujeito era de estragar a Vida de qualquer mulher. Não falei contigo na ocasião para não te aborrecer! Depois os anos foram passando sem mais nos vermos! Mas olha que ele até chegou a passar cheques sem cobertura... e tinha dívidas por toda a parte! Fico muito contente por saber que o noivado de vocês acabou!...

Neste ponto a Zeca olhou para mim furiosa e rosnou: «Eu disse que já não era sua noiva... porque agora estou casada com ele! Entendes?!...»

... Quase bati com o carro de encontro a um poste de iluminação publica! Escapamos por uma unha negra!...

— Não! Ainda não, querida! Eu ia pela Marginal, quando avistei, perto de Algés, a Zeca com quem já não falava desde o nosso exame de admissão à Faculdade. Travei o carro e naturalmente ao mesmo tempo que lhe oferecia boleia ia perguntando: «Então novidades! Aquele teu noivado continua?!» Ela respondeu-me que não e eu exuberantemente disse-lhe: Ótimo Boas notícias. Aquele sujeito era de estragar a Vida de qualquer mulher. Não falei contigo na ocasião para não te aborrecer! Depois os anos foram passando sem mais nos vermos! Mas olha que ele até chegou a passar cheques sem cobertura... e tinha dívidas por toda a parte! Fico muito contente por saber que o noivado de vocês acabou!...

Neste ponto a Zeca olhou para mim furiosa e rosnou: «Eu disse que já não era sua noiva... porque agora estou casada com ele! Entendes?!...»

... Quase bati com o carro de encontro a um poste de iluminação publica! Escapamos por uma unha negra!...

— Não! Ainda não, querida! Eu ia pela Marginal, quando avistei, perto de Algés, a Zeca com quem já não falava desde o nosso exame de admissão à Faculdade. Travei o carro e naturalmente ao mesmo tempo que lhe oferecia boleia ia perguntando: «Então novidades! Aquele teu noivado continua?!» Ela respondeu-me que não e eu exuberantemente disse-lhe: Ótimo Boas notícias. Aquele sujeito era de estragar a Vida de qualquer mulher. Não falei contigo na ocasião para não te aborrecer! Depois os anos foram passando sem mais nos vermos! Mas olha que ele até chegou a passar cheques sem cobertura... e tinha dívidas por toda a parte! Fico muito contente por saber que o noivado de vocês acabou!...

Neste ponto a Zeca olhou para mim furiosa e rosnou: «Eu disse que já não era sua noiva... porque agora estou casada com ele! Entendes?!...»

... Quase bati com o carro de encontro a um poste de iluminação publica! Escapamos por uma unha negra!...

— Não! Ainda não, querida! Eu ia pela Marginal, quando avistei, perto de Algés, a Zeca com quem já não falava desde o nosso exame de admissão à Faculdade. Travei o carro e naturalmente ao mesmo tempo que lhe oferecia boleia ia perguntando: «Então novidades! Aquele teu noivado continua?!» Ela respondeu-me que não e eu exuberantemente disse-lhe: Ótimo Boas notícias. Aquele sujeito era de estragar a Vida de qualquer mulher. Não falei contigo na ocasião para não te aborrecer! Depois os anos foram passando sem mais nos vermos! Mas olha que ele até chegou a passar cheques sem cobertura... e tinha dívidas por toda a parte! Fico muito contente por saber que o noivado de vocês acabou!...

Neste ponto a Zeca olhou para mim furiosa e rosnou: «Eu disse que já não era sua noiva... porque agora estou casada com ele! Entendes?!...»

... Quase bati com o carro de encontro a um poste de iluminação publica! Escapamos por uma unha negra!...

— Não! Ainda não, querida! Eu ia pela Marginal, quando avistei, perto de Algés, a Zeca com quem já não falava desde o nosso exame de admissão à Faculdade. Travei o carro e naturalmente ao mesmo tempo que lhe oferecia boleia ia perguntando: «Então novidades! Aquele teu noivado continua?!» Ela respondeu-me que não e eu exuberantemente disse-lhe: Ótimo Boas notícias. Aquele sujeito era de estragar a Vida de qualquer mulher. Não falei contigo na ocasião para não te aborrecer! Depois os anos foram passando sem mais nos vermos! Mas olha que ele até chegou a passar cheques sem cobertura... e tinha dívidas por toda a parte! Fico muito contente por saber que o noivado de vocês acabou!...

Neste ponto a Zeca olhou para mim furiosa e rosnou: «Eu disse que já não era sua noiva... porque agora estou casada com ele! Entendes?!...»

... Quase bati com o carro de encontro a um poste de iluminação publica! Escapamos por uma unha negra!...

— Não! Ainda não, querida! Eu ia pela Marginal, quando avistei, perto de Algés, a Zeca com quem já não falava desde o nosso exame de admissão à Faculdade. Travei o carro e naturalmente ao mesmo tempo que lhe oferecia boleia ia perguntando: «Então novidades! Aquele teu noivado continua?!» Ela respondeu-me que não e eu exuberantemente disse-lhe: Ótimo Boas notícias. Aquele sujeito era de estragar a Vida de qualquer mulher. Não falei contigo na ocasião para não te aborrecer! Depois os anos foram passando sem mais nos vermos! Mas olha que ele até chegou a passar cheques sem cobertura... e tinha dívidas por toda a parte! Fico muito contente por saber que o noivado de vocês acabou!...

CESÁRIO & DRAGO, Lda.

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que por escritura lavrada em 28 de Setembro de 1964, de fls. 94 v.º a 98 v.º do Livro B-18 de «Escrituras Diversas», do Cartório Notarial de Tavira, foi constituída entre Afonso Filipe Madeira e Drago; Teresa Antónia Hermínia de Celorico Drago Madeira; Filipe António Hermínio Celorico Drago; Fernanda Hermínia de Jesus Celorico Drago, estes dois últimos menores representados por seu pai Dr. António Celorico Drago; Alexandre Martins Viegas Cesário e Maria Luísa Martins Viegas Cesário, esta última menor representada por seu pai José Luís Cesário, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma «Cesário & Drago, Lda.» e fica tendo a sua sede em Tavira e domicílio no edifício do Teatro António Pinheiro, tem o seu início a partir de um de Outubro próximo, durará por tempo indeterminado e o seu objecto é a exploração da indústria de cinema e teatro, e qualquer outro ramo de negócio ou indústria em que os sócios acordem.

2.º

O capital social é de 750.000\$, inteiramente realizado em dinheiro já entrado na Caixa Social e representado por seis quotas iguais de 125.000\$, uma de cada um dos sócios, Afonso Filipe Madeira e Drago; Teresa Antónia Hermínia de Celorico Drago Madeira; Filipe António Hermínio Celorico Drago; Fernanda Hermínia de Jesus Celorico Drago; Alexandre Martins Viegas Cesário e Maria Luísa Martins Viegas Cesário.

3.º

Não serão exigíveis prestações suplementares de capital e os suprimentos feitos pelos sócios à caixa social vencerão ou não juro conforme for acordado e constar da acta.

4.º

A cessão total ou parcial de quotas depende do expresso consentimento da sociedade, que reserva o direito de o conceder ou não e de optar na venda.

5.º

Pode a sociedade nomear gerentes pessoas estranhas e, para esse fim, ficam desde já nomeados irrevogavelmente gerentes pelo prazo de vinte anos dispensados de caução os Senhores Dr. António Celorico Drago e José Luís Cesário, atrás referidos, com os mais amplos poderes, admitidos em direito, incluindo os de obrigar a sociedade em actos e contratos de compra, venda, hipoteca, troca e dação em pagamento de imobiliários; delegar todos os poderes ou parte deles, competindo-lhes ainda a sua representação em Juízo ou fora dele.

§ 1.º

Para resolução dos assuntos de mero expediente, actos, contratos e documentos, que não envolvam escritura pública, basta que os mesmos sejam assinados pelo gerente José Luís Cesário.

§ 2.º

Aos gerentes e aos procuradores é expressamente proibido assinarem em nome da sociedade, abonações, fianças, letras de favor e mais actos estranhos aos negócios da sociedade.

6.º

Ocorrendo o falecimento, impedimento ou incapacidade de qualquer dos gerentes fica

o primeiro substituído pelo sócio Afonso e o segundo pelo sócio Alexandre.

§ Único

Quando do falecimento de qualquer sócio os seus herdeiros e demais representantes nomearão de entre si um que a todos represente na sociedade, sem o que não terão nela qualquer ingerência.

7.º

No caso de dissolução todos os sócios são liquidatários, fazendo a liquidação e partilha como para ela se concertarem.

8.º

Salvo os casos para que a lei exija outros requisitos especiais, as assembleias gerais são convocadas por cartas registadas com aviso de recepção, dirigidas aos sócios com antecedência de oito dias.

Tavira e Cartório Notarial, aos vinte e nove de Setembro de mil novecentos sessenta e quatro.

A Ajudante

Maria Elete Teófilo Lopes Dias Nobre

Edições «Porto Editora»

Ao começar mais um ano lectivo reaparecem as edições escolares quer se trate de livros, quer de cadernos e outros trabalhos didácticos como sejam os pontos preparatórios para os exames finais, como sejam as colecções «Editora», «Ouro», «Lisboa», «Fluminense», «Elefante» e «Magistério», todas da «Porto Editora» e destinadas umas ao ensino primário e exames de aptidão, outras aos ensinos liceal e técnico profissional.

Mas nesta referência queremos aludir especialmente aos cadernos e livros do professor Pedro de Carvalho, agora elaborados absolutamente dentro das normas dos novos programas oficiais sem fugir, todavia, ao habitual aspecto simpático e atraente, digamos, de expor as questões a serem avaliadas por aqueles a quem são destinados e ainda ao caderno de aritmética para a 1.ª classe da autoria de Baptista Martins com a colaboração de L. Borges e M. Trindade.

São do primeiro dos citados autores, além dos cadernos de aritmética e geometria e de redacção para as diversas classes do ensino primário, compêndios de desenho e de ciências naturais bem como de geografia, que é um autêntico Atlas, a conhecida e apreciada História de Portugal, com resumos ilustrados, questionários, mapas cronológicos, etc, etc, que a fazem uma das melhores senão a melhor publicada entre nós para as escolas primárias.

O caderno de aritmética para a 1.ª classe da autoria do inspector orientador do Ensino Primário J. Baptista Martins, aprovado oficialmente como o caderno de aritmética e geometria para a 4.ª classe do professor Pedro de Carvalho são duas das melhores edições da prestigiosa editorial portuguesa, tanto pelo seu valor intrínseco como pelo aspecto gráfico que, como se sabe, tem bastante influência no gosto pelo estudo, razão porque os recomendamos de um modo muito especial a professores e encarregados de educação.

Finalmente apareceu este ano, na colecção de dicionários «Editora», de que fazem parte o de Português, de Almeida Costa e Sampaio e Melo e os de Francês, de Oliveira de Carvalho, um de Inglês-Português com muito mais vocabulário que qualquer codigêner, incluindo copiosa lista de termos técnicos, até agora apenas incluídos em enciclopédias, nomes próprios, onomásticos e topográficos e abundantes termos idiomáticos.

É seu autor o Dr. Armando Morais, professor metodólogo do Liceu de D. Manuel II e autor dos livros de inglês adaptados para a 2.ª ciclo liceal e através das suas mais de 1900 páginas todos encontrarão resposta clara às suas interrogações e a certeza de que essa resposta é a mais segura e a mais honesta que pode dar-se ao actual estado de lexicografia.

Trespasa-se ou Arrenda-se

Por motivo de retirada, um estabelecimento de mercearia e vinhos com boa clientela, na Rua Dr. Oliveira Salazar — Luz de Tavira.

Diri ir a José Maria Viegas (Zuca Pintassilgo), no referido estabelecimento.

